

## O desporto: um mundo a reedificar

A visibilidade dos intervenientes faz com que nos esqueçamos de comparar o nosso salário de subsistência com a luxúria desse novo-riquismo



**Carlos Pimenta**

1. Numa passagem rápida pela «caixa noticiosa» — que todos dias forma uma «opinião pública» débil e desviada de muitos problemas fundamentais para o futuro de cada um de nós, da sociedade em que quotidianamente nos integramos e da humanidade a que pertencemos — nos deparamos com grande frequência de debates televisivos sobre acontecimentos efémeros e bombásticos da primeira liga do futebol.

Enquanto o clubismo forja argumentos altissonantes sobre a «compra dos árbitros», com a aparência de um realismo que até o «ceguinho vê» — apesar da repetição frequente do lance que decorreu em microssegundos — muitas das fraudes, e outros crimes, cometidos no desporto ficam sem qualquer referência: a viciação das mais diversas modalidades desportivas, a compra dos resultados em jogos sem qualquer tipo de mediatismo, a compra e ameaça de morte, de jogadores, treinadores e outros agente desportivos, a multiplicidade de formas de contrapartida de favores recíprocos, as ligações de vários intervenientes — sobretudo dirigentes e intermediários de operações financeiras — a organizações criminosas, a panóplia de roubos, fuga aos impostos e lavagem de dinheiro.

Nas modalidades mediáticas estamos sistematicamente no «negócio do desporto»: das luxuriantes verbas das transmissões televisivas aos contractos publicitários, dos salários de alguns intervenientes à localização de alguns eventos desportivos. Muitas vezes os milhões de ganhos de alguns têm contrapartida em valores similares de dívidas. Muitas destas operações passam imunes a qualquer controlo ou fiscalização.

A visibilidade dos intervenientes, a sua importância na «nossa» vitória, expresso no nosso imenso clubismo, faz

com que nos esqueçamos de comparar o nosso salário de subsistência com a luxúria desse novo-riquismo. Em vez de, pelo menos, nos interrogarmos sobre as diferenças remuneratórias, olhamos com admiração essas figuras «ímpares», sonhamos o que faríamos em tais circunstâncias e transformamos a dura realidade quotidiana desta sociedade marcada por crescentes diferenças de riqueza em sonhos «cor de rosa».

2. Sabemos que há um imenso trabalho a realizar para debelar a fraude, e o crime, de muitos segmentos do desporto. Todos, com as nossas diferente especializações e saberes seremos poucos para o fazermos.

Para o conseguirmos consideramos fundamental três vertentes:

- a) A sociedade encare com seriedade estas questões e seja capaz de ultrapassar, em nome da ética, da verdade desportiva e do próprio valor social do desporto as suas paixões clubísticas. Depende de cada um de nós a concretização deste desígnio.
- b) As instituições responsáveis pela condução do desporto estejam interessadas em debelar tais situações de viciação dos resultados.
- c) Todos nós não tenhamos receio de mostrar as nossas ignorâncias — Sócrates, o filósofo grego, ao afirmar «eu só sei que nada sei» revelou a sua grande sapiência e vontade infinita de aprender — e compreendamos que é o trabalhar com o diferente que nos permite ensinar e aprender, progredir, sermos melhores.

A nossa experiencia com os trabalhos realizados sobre a fraude no desporto,

mostra que nenhuma destas três condições existem no nosso país. Continuaremos a trabalhar.